

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# O PROJETO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO NÚCLEO DO CASTELO DE LEIRIA: ENQUADRAMENTO, OBJETIVOS E RESULTADOS

Vânia Carvalho / CM Leiria / vcarvalho@cm-leiria.pt

Isabel Inácio / Arqueohoje, Lda. / isabelminacio@gmail.com

## RESUMO

A Câmara Municipal de Leiria encontra-se a desenvolver, desde 2009, um projeto de investigação no Castelo de Leiria, no quadro do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos e incluído no Programa de Ação Local para a Regeneração Urbana do Centro Histórico de Leiria. Este projeto contemplou, entre outros, estudos paramentais, prospeção geofísica, escavação arqueológica e estudo de espólio, com vista à fundamentação de um projeto de valorização e requalificação do monumento. Os resultados agora apresentados, uma primeira abordagem ao estudo de ocupação do Castelo, pretendem-se mais aprofundados no futuro, abrindo hipóteses de interpretação, não só em relação às épocas de ocupação, como à sua relação com o espaço.

## ABSTRACT

Since 2009, the Municipality of Leiria is developing a research Project at the Castelo de Leiria under the scope of the Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos and inserted in the Programa de Ação Local para a Regeneração Urbana do Centro Histórico de Leiria. Aiming the valorisation and requalification of the Castelo de Leiria, the project has included architectural analysis, geophysics prospection, archaeological excavations and the study of the remains recovered. The preliminary results here presented constitute the first approach to the study of the human occupation at the Castelo de Leiria and intends to promote future interpretation hypothesis regarding the different periods of occupation and its possible relationship with the surrounding space and environment.

## ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS DO PROJETO

O projeto de Valorização e Requalificação do Castelo de Leiria corresponde ao Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, apresentado em 2009, o qual, no âmbito do QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional) foi objeto de candidatura aprovada, ao instrumento de política de cidades “Parcerias para a Regeneração Urbana”, inserido no Programa Operacional Regional do Centro. O projeto encontra-se incluído no Programa de Ação Local para a Regeneração Urbana do Centro Histórico de Leiria (PALOR). Corresponde a um projeto de valorização e investigação arqueológica do Castelo de Leiria, pretendendo-se um diagnóstico exaustivo do monumento, através da realização de levantamentos gráficos, estudos paramentais e análises prelimi-

nares de elementos físicos, prospeção arqueológica e geofísica, escavação arqueológica e estudo de espólio, com vista à fundamentação de um programa de valorização e requalificação do monumento. Deste modo, com o objetivo de aprofundar o conhecimento do conjunto construído e fundamentar futuras análises e intervenções, promoveu-se a produção de documentação geométrica e fotogramétrica de alguns conjuntos edificados, com o objetivo de evidenciar os seus valores geométricos, dimensionais e estruturais; materiais e técnicas de construção e condições de degradação. Foi realizada prospeção geofísica aplicada à arqueologia, com a finalidade de detetar anomalias geofísicas que pudessem traduzir eventuais contextos arqueológicos, aplicando-se os resultados desta intervenção, na realização das sondagens arqueológicas manuais, implantadas na zona delimitada pela 2ª linha de muralhas do Castelo, em

sectores considerados como mais relevantes do ponto de vista científico e/ou com maior potencial para intervenções de requalificação futura.

Para a concretização deste projeto foi constituída uma equipa que integrou uma Comissão Científica de consultores nas áreas da Arqueologia, Conservação e Restauro, Antropologia e História, nomeadamente História Local, ligados a instituições de reconhecido mérito nestes domínios, procurando-se potenciar uma investigação efetivamente interdisciplinar. A somar à equipa técnica municipal, foi necessário proceder à adjudicação a empresas externas, para a realização de sondagens arqueológicas, prospeção geofísica e fotogrametria. Foi adjudicada à empresa de arqueologia *Arqueohoje* a execução dos trabalhos das sondagens arqueológicas e de prospeção geofísica. A execução dos trabalhos de arqueologia da arquitetura foi adjudicada à empresa *AMR, Levantamientos Arquitectónicos y Arqueológicos*.

#### LOCALIZAÇÃO, ENQUADRAMENTO ADMINISTRATIVO E CARATERIZAÇÃO GEOLÓGICA

O Castelo de Leiria integra a área do centro histórico da cidade de Leiria, localizando-se na freguesia de Leiria, concelho e distrito de Leiria. Classificado como Monumento Nacional, situa-se na Zona Especial de Proteção, definida em torno do próprio Castelo de Leiria e da Capela de S. Pedro (MN – Decreto de 16-06-1910, ZEP - DG, 2ª Série nº 134, de 08-06-1967). Este monumento, de propriedade pública, estatal, está afeto à Câmara Municipal de Leiria, por auto de cessão de 27 de Setembro de 1978. O morro onde se encontra o monumento, que no topo da Torre de Menagem apresenta a cota máxima de 126,07 m, caracteriza-se geologicamente como um domo dolorítico, emerso de um vale diápirico de formações hetangianas-retanianas do período jurássico. Nalguns casos a rocha, constituída por dolerito ofítico, “*aparece sulcada e estriada horizontalmente, devido a fortes deslocções tectónicas, testemunhadas também, pela brecha que acompanha o corpo eruptivo*” (Teixeira & Zbyszewski, 1968, p. 71).

#### O MONUMENTO – NÚCLEOS E ESPAÇO EDIFICADO

A definição dos diferentes espaços do monumento conservou as designações por núcleos, utilizadas por

Saul Gomes (2004, pp. 43, 97), na sua monografia “Introdução à História do Castelo de Leiria”, mantendo uma homogeneidade de critérios (*vide* fig. 1 - II). O Castelo de Leiria, recinto fortificado delimitado por três linhas de muralhas, é definido por áreas distintas: no núcleo A, são perceptíveis três espaços: na zona mais elevada, o “último reduto” é delimitado por um alambor, e no seu interior uma área amuralhada, com Torre de Menagem (a norte) e uma torre ou torreão (a sul), delimita um espaço interno onde são visíveis vestígios de compartimentos e uma cisterna. A entrada efetua-se através de uma porta, a norte, aberta no alambor, permitindo o acesso a um caminho de ronda. Numa plataforma inferior, onde ainda são visíveis vestígios de construções, no solo e nos paramentos internos dos panos de muralha, localiza-se a Igreja de Nossa Senhora da Pena/Santa Maria da Pena e o Claustro da Colegiada. Este último, que se localiza nas traseiras da Igreja, e pela qual se acede, desenvolve-se em dois patamares, sendo ainda visíveis vestígios de compartimentos, e duas cisternas, encontrando-se circunscrito pela muralha que separa os dois núcleos. Neste espaço, no séc. XV e segundo o *Couseiro*, o vigário geral tinha a sua habitação (Anónimo<sup>4</sup>, 2011, pp. 39-40). Fronteiro à Igreja e adossado ao pano de muralha sudeste localiza-se o “Paço Real”, ou “Paço Novo”, ao qual se acede por um terreiro, situado num patamar superior ao adro da Igreja. A linha de cintura externa de toda a fortificação coincide parcialmente com a linha de muralha que delimita este núcleo, localizando-se a “Porta da Traição” no tramo poente. O acesso entre os núcleos A e B efetua-se pela “Porta da Buçaqueira”, a nascente, e por uma porta muito reconstruída, a poente. Entre estas, um patamar de circulação, com características de barbacã, ladeia o pano de muralha que cerca este conjunto, o qual apresenta uma torre circular e um trecho com alambor, junto da porta poente.

O núcleo B, ou “Cerca Exterior”, onde se localiza a “Porta da Albacara”, atual acesso ao Castelo, compreende uma vasta área, com declives acentuados, circunscrita pela linha de muralha externa, que ao longo do tramo norte apresenta vestígios de estruturas à superfície. Atualmente, neste espaço, apenas subsistem os ditos “Celeiros”, que terão funcionado efetivamente como cisternas, e a “Casa da Guarda”, atual bilheteira.

O núcleo C corresponde ao antigo burgo medieval amuralhado, no qual se destacam a Igreja de S. Pedro e o edifício dos Paços Episcopais (atual-

mente ocupado pela P.S.P.), local dos antigos paços reais de S. Simão, construídos em época dionisina. Implantado numa plataforma sobrelevada, encontra-se bem definido por uma linha de muralha, integralmente flanqueada por uma barbacã, e na qual são visíveis cinco torres ou torreões. O acesso a este núcleo far-se-ia pelas Portas do Norte, protegidas por quatro torres, e pelas Portas do Sol, entretanto demolidas (localizadas na área da Torre Sineira da Sé). Vestígios da antiga muralha são ainda visíveis ao longo da encosta, no troço entre o antigo Governo Civil e um dos contrafortes do Paço Novo do Castelo.

### O CASTELO ANTES DO CASTELO – DAS ORIGENS À FUNDAÇÃO DO CASTELO MEDIEVAL

A região de Leiria apresenta vestígios de ocupação humana desde a Pré-história Antiga, e no morro do Castelo foram identificados níveis arqueológicos que apontam para ocupações desde o Calcolítico. Na encosta, junto ao Largo de S<sup>o</sup> Pedro, escavações arqueológicas na “*Casa do Fabião*” (em 2001, sob a direção de João Paulo Carvalho) permitiram identificar vestígios, como cerâmica de produção local/regional e de importação, que apontam para uma cronologia entre os séculos IX e VI a.C., as quais, pela sua variedade e tipologia, indiciam um povoado com um certo peso económico e de relativa importância (Coelho, 2005, p. 128). Os vestígios arqueológicos exumados junto à Igreja de S<sup>o</sup> Pedro e nos edifícios do Ex-Ral 4 (entre 2007 e 2009, no âmbito da adaptação do Ex-RAL 4 a museu de imagem em movimento (m|i|mo), revelaram contextos arqueológicos preservados atribuíveis ao Bronze Final e à época romana, estes enquadráveis entre os séc. II e IV d.C. (Neves, Basílio & Couto, 2009, pp. 15-16). Nas muralhas do Castelo observam-se várias epígrafes reutilizadas, apontadas como provenientes de Sebastião do Freixo – *Collippo*, ou da *villae* de Martim Gil (Gomes, 2004, p. 110). Os dados arqueológicos relativos ao período entre finais da ocupação de época romana e o início da reconquista cristã são praticamente inexistentes. Durante as escavações realizadas na Torre de Menagem, entre 1996 e 1997 (Ruivo, 1996; AAVV, 2001), foi recolhido espólio cerâmico, de fabrico manual, que se reportará ao Calcolítico ou Idade do Bronze, mas também cerâmica pintada, que pelas suas características se poderá

atribuir a época islâmica, designadamente ao período Emiral/Califal, séc. IX-X (Lopes, 2001, p. 33).

### NO INTERIOR DAS MURALHAS DO CASTELO

O Castelo de Leiria terá sido edificado por D. Afonso Henriques, em 1135, em terra “deserta” ou despovoada, conforme a carta de doação feita por D. Afonso Henriques aos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, em 1142. Segundo o *Couseiro*, esta fundação será apenas a da povoação, pois a fortificação seria de origem islâmica, “*e é obra sua, fundada por eles*”, que teriam, inclusivamente, procedido a obras de reforço (Anónimo<sup>4</sup>, 2011, p. 25). Em 1137, o Castelo sofre uma investida das tropas almorávidas, que o tomaram; na sequência de cercos e reconquistas passa definitivamente para a posse de D. Afonso Henriques em 1140 ou 1142/1143 e a Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Pena terá sido o primeiro edifício religioso a ser construído neste espaço ainda durante o reinado deste monarca (Anónimo<sup>4</sup>, 2011, p. 26), mantendo-se como igreja matriz até à construção da Sé, em meados do séc. XVI. A D. Sancho I se deve a construção das muralhas, que cercam a vila, segundo alguns autores (Zúquete, 2003, p. 72).

No séc. XIII, no contexto de conflitos internos, o Castelo de Leiria assume algum protagonismo, e com D. Dinis o Castelo sofre importantes modificações. São efetuadas obras na Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Pena, e em 1324 inicia-se a construção da atual Torre de Menagem (Zúquete, 2003, p. 76), que vem substituir a antiga e da qual nenhum vestígio parece ter-se conservado. Segundo alguns grafitos e documentos, D. Afonso IV mandou fazer diversas obras no recinto fortificado (que engloba a vila), como a construção de um novo tramo de muralha. Já no reinado de D. Fernando, em 1373 está referenciada a presença de casas, junto da Igreja, e de “*muitas e boas casas*” dentro do Castelo (Gomes, 2004, pp. 297-298). D. João I manda construir os Paços Reais e reedificar a Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Pena, no mesmo local da anterior (Anónimo<sup>4</sup>, 2011, p. 26). A presença real em Leiria será uma constante até ao reinado de D. Afonso V, o qual doa o senhorio, e o edifício do Paços, aos Condes de Vila Real. Na centúria de Quinhentos assiste-se ao abandono e gradual ruína do Castelo, mantendo-se em funcionamento a Igreja, na qual se constrói a sacristia, no espaço que contornava o topo do templo “*porque não havia a tal sacristia, mas era aquele sítio vão em roda da ca-*

*pela*” (Anónimo<sup>4</sup>, 2011, p. 39). No claustro, um edifício, que existia junto da torre dos sinos, terá sido mandado demolir pelo primeiro bispo de Leiria, em 1548 (Gomes, 2004, pp. 380-381), e as casas do vigário geral, já estariam arruinadas “de que ainda se vêem as ruínas no canto do muro e quintais”, existindo apenas um alpendre, pelo qual se acedia à sacristia, e as ruínas, como logradouros da igreja (Anónimo<sup>4</sup>, 2011, p. 39). No século XVIII o Castelo é utilizado como pedreira pela população, mas a Igreja de N.ª Sr.ª da Pena continua em funcionamento (Gomes, 2004, p. 390). Em 1810, a Igreja foi desprovida e destinada a usos profanos, o que levou à sua degradação (Zúquete, 2003, p. 106). Em inícios do séc. XX é criada a Liga dos Amigos do Castelo de Leiria, com o objetivo de preservar e reabilitar as antigas ruínas desta fortaleza, segundo proposta, data de 1898, de Ernesto Korrodi.

## PROSPEÇÃO GEOFÍSICA – METODOLOGIA E RESULTADOS

Os trabalhos de Prospeção Geofísica, utilizando o método de Eletromagnetismo e de Georadar, tiveram como objetivo avaliar o potencial arqueológico do recinto, tentando identificar estruturas ou elementos arqueológicos. A recolha de dados e estudos foi desenvolvida tendo em conta as especificidades do terreno, cruzando-se os dados obtidos entre os dois métodos. Os resultados mais interessantes terão sido os obtidos na nave da Igreja, detetando-se a presença de um alinhamento, a cerca de 1m de profundidade, com eixo Nordeste – Sudoeste, o qual pode reportar-se à existência de uma construção anterior (vestígios da primitiva ermida?), bem como, eventuais estruturas de canalização. A presença de anomalias de tendência ovalada, na nave, e oblonga, na galilé, deverão estar relacionadas com eventuais sepulturas. Refira-se ainda a presença de alinhamentos, (muros de contenção, ou edifícios), presentes na encosta do núcleo B e no pátio interno da Torre de Menagem, onde também foi identificado um escoamento externo, alinhado ao interior do pátio, mas com o qual não foi possível estabelecer associação.

## SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS – METODOLOGIA E RESULTADOS

A intervenção arqueológica realizada nos núcleos A e B, na qual foram efetuadas 25 sondagens num total

de 100 m<sup>2</sup>, procurou abranger as diferentes áreas/ espaços do Castelo, pelo que se procede a uma análise geral conjunta dos resultados das sondagens (*vide* fig. 1 – I, III).

### “ÚLTIMO REDUTO”

A zona mais elevada do monumento, e que se encontra delimitada por um pano de muralha/alambar, foi alvo de quatro sondagens arqueológicas. No pátio da Torre de Menagem (sond. 25), num nível de terras escuras entre grandes blocos pétreos, foram exumados materiais cerâmicos e líticos, atribuíveis ao Calcolítico; num depósito com características idênticas (sond. 15), foi recolhido um conjunto muito fragmentado de cerâmica, atribuível à Idade do Ferro. Foi ainda identificado um pavimento, de cronologia incerta, cujo nivelamento era constituído por fragmentos de tégula e de telha digitada, uma estrutura de combustão e diversos artefactos cerâmicos e metálicos (entre os quais pontas de virote) de época medieval.

No exterior, na área sul do “caminho de ronda” (sond. 22), a escavação arqueológica revelou uma construção, apenas parcialmente definida, construída com grandes blocos de afloramento rudemente aparelhados, e que terá sido parcialmente desmontada, funcionando a sua base como alicerce da atual torre. A sua tipologia construtiva é semelhante a alguns tramos existentes na base das muralhas adjacentes, pelo que, e devido à impossibilidade de datação, não será de excluir a hipótese, entre outras, de se tratar do que uma possível torre, contemporânea da construção original medieval. No caminho de ronda, foi recolhido um conjunto de artefactos cerâmicos e metálicos de época medieval (sond. 16). Dada a sua localização, estes artefactos serão anteriores à construção da atual Torre de Menagem, séc. XII – XIII, cronologia coincidente com o período conturbado vivido neste espaço fortificado. Os conjuntos de escória recolhidos, coincidentes com a presença de virotes de besta, parecem apontar para atividades de fundição e fabrico de armamento no interior do espaço amuralhado. A existência de enrocamentos, identificados nas diferentes sondagens desta área, que dificultaram e condicionaram a escavação arqueológica, e a leitura dos resultados das prospeções geofísicas, deverá estar relacionada com a necessidade de criar uma plataforma para a construção deste reduto amuralhado.

## “CLAUSTRO DA COLEGIADA”

As sondagens efetuadas no interior do “Claustro da Colegiada” obtiveram resultados bastante díspares. Na plataforma superior (sond.18), constatou-se que a edificação deste espaço, associada às obras de conservação e à erosão, não permitiram identificar qualquer tipo de depósito ou estrutura associada a ocupação anterior ao séc. XV/XVI. Na plataforma inferior, a escavação arqueológica (sond.5 e 24), permitiu a identificação de estruturas, associadas a um conjunto artefactual datável do séc. XV, certamente relacionados com as construções mencionadas em 1458, “localizados ao longo do muro, entre a Igreja de Santa Maria da Pena e a Torre de Menagem, onde se recolhiam o vigário geral e os cônegos” (Gomes, 2004, pp. 338-339), e que em 1548 o bispo de Leiria obteve autorização régia para demolir parcialmente (Gomes, 2004, pp. 380-381), situação a que parecem corresponder os níveis de derrube que colmatam a sondagem 5.

Refira-se ainda a presença de vestígios de pavimentos e estruturas, de funcionalidade desconhecida e de cronologia medieval, os quais poderão estar relacionados com a presença de casas, acima da “Porta da Buçaqueira”, referidas desde finais do séc. XIII (Gomes, 2004, p. 258). Destaca-se ainda a presença de um grande conjunto de escória e uma ponta de virote (sond. 5), o que permite supor que, neste local se procedeu a atividades de fundição, numa fase de ocupação em que este espaço não estaria totalmente adscrito a atividades religiosas. Anterior à construção da sacristia será uma canalização, diretamente relacionada com a muralha, e cujo traçado parece coincidir com o detetado nas sondagens geofísicas, na nave da Igreja.

A construção da sacristia, localizada entre a cabeceira da igreja e a torre sineira, datada do séc. XVI, terá ocupado o espaço de circulação existente entre estas, não coincidindo a sua orientação com o alinhamento do restante conjunto construído. A base externa deste edifício, revelada pela sondagem efetuada, é revestida por argamassa de textura, cor e dureza semelhante à que reveste a Torre de Menagem, encontrando-se adossada pelas estruturas de época tardo – medieval. Pode-se colocar a hipótese de a construção da sacristia reaproveitar um edifício mais antigo, o qual respeita o traçado da canalização, e desativado com a construção do Claustro no século XV. A atual soleira da porta estará relacionada com a última utilização da Igreja,

até inícios do séc. XIX, funcionando o “Claustro da Colegiada” como logradouro e quintais.

## ESPAÇO FUNERÁRIO

A intervenção efetuada no adro/galilé da Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Pena (sond. 6) revelou um espaço de necrópole, o qual aparenta estar diretamente relacionado com este templo, construído em finais do séc. XIV. Foram identificadas, nesta sondagem, nove sepulturas, dispostas paralelamente à Igreja, tendo a área sido criteriosamente utilizada, beneficiando de todo o espaço disponível até à parede da igreja (Lourenço, 2011). A presença de uma sepultura no exterior do atual adro (sond. 8), permite colocar a questão da real dimensão deste espaço, podendo também estar relacionada com a localização da primitiva ermida medieval. No interior da Igreja (sond. 21), foi identificado um enterramento com caixão, de cronologia mais recente, que poderá ter sido efetuado quando a Igreja ainda se mantinha aberta ao culto, mas as funções funerárias do espaço já seriam residuais. Identificaram-se em 2011, onze indivíduos em inumação primária (N=11) e um ossário (N=3). De referir que nas sondagens efetuadas no Claustro da Colegiada, em 2011, não haviam sido detetadas sepulturas, no entanto, em 2013, identificou-se nessa zona, a cerca de 5,00 m da sondagem 18, um enterramento, possivelmente em caixão. A existência de um outro espaço sepulcral, no interior do Castelo, não pode ser afastada pois, em várias sondagens do núcleo A (sond. 17, 22 e 25), foram recolhidos restos osteológicos humanos avulsos, pelo que não será de excluir a hipótese de que no topo ou na encosta do “último reduto”, poderá ter existido um espaço de necrópole, de época indeterminada, destruído talvez em época medieval ou moderna.

## PORTAS E ESPAÇOS COMUNS

No exterior da “Porta da Albacara” (sond. 1), foi possível constatar que a torre nascente assenta sobre uma base em degraus, ou zarpa, semelhante ao existente na base das torres do “Último Reduto”, que assenta sobre uma camada nivelada e compacta que poderá ter funcionado como piso de circulação mas ao qual ainda não foi possível atribuir uma cronologia precisa. Na porta Oeste (sond. 14), foi possível confirmar que o muro/muralha, onde esta passagem foi aberta (possivelmente em época tardo - medieval), encosta à estrutura de alambor, o qual assenta diretamente

sobre a rocha de base. Nesta área, sob a construção existente foi identificada uma estrutura, muito destruída, associada a diversa cerâmica medieval, entre os quais um fragmento de bordo com pintura a branco, de época islâmica. Esta porta seria um acesso análogo da Torre da Buçaqueira, e o alambor, que poderá ser contemporâneo das primeiras ocupações do Castelo, reforça a defesa de um tramo de muralha, que deverá ser dos mais antigos. A “Porta da Traição”, poderá ter sido aberta numa época tardia, talvez nas obras efetuadas por D. Dinis ou D. Afonso IV, pois apresenta semelhanças formais com as portas existentes na Torre de Menagem. A sondagem efetuada (sond. 13) revelou uma área muito intervencionada pela DGEMN, mas um corte da rocha de base, e alguns materiais atribuíveis a época medieval, parecem indicar a existência de uma passagem original nesta área. No caminho divisório dos núcleos A e B (sond. 4), foi possível constatar que a construção do talude de contenção datará de época medieval, com reconstruções já no séc. XV/XVI. No exterior da Torre da Buçaqueira (sond. 26), já em período moderno, terá sido efetuada a regularização do acesso, construindo-se uma escada, cujo resguardo lateral reaproveita diversos materiais de construção, realinhando o prolongamento do talude de contenção e criando um pequeno largo.

No Núcleo B, no interior de um compartimento ou casa adossada à muralha, junto da entrada do Castelo (sond. 3), foram identificados estratos com materiais medievais, pelo que este compartimento poderá ter sido construído em época tardo medieval/moderna, não restando vestígios de pavimento e da sua funcionalidade. Ainda neste local, já no contacto com a rocha de base, num nível de terras escuras e soltas, foram recolhidas cerâmicas atribuíveis à Idade do Bronze.

No Núcleo A, no terreiro de acesso à Torre de Menagem, onde são visíveis à superfície alinhamentos de paredes (sond. 17), foi possível identificar sucessivos momentos de ocupação e remodelação datados de época moderna e tardo – medieval, este último relacionado com um espaço de armazenagem ou oficina. Sob este compartimento foi parcialmente definida uma estrutura circular, que poderá corresponder a um forno medieval. Refira-se ainda a presença, em depósitos de aterro e escorrimentos, de materiais atribuíveis a período Islâmico e Calcolítico. No caminho ao longo do pano de muralha poente, foram identificados edifícios adossados à muralha, para

os quais também não foi possível atribuir uma funcionalidade específica (sond. 11 e 12) mas, pelos materiais recolhidos, poderão remontar a época tardo-medieval. Um dos edifícios assenta sobre um derube de telhas, que não foi possível escavar, mas que revela uma existência anterior nesta zona.

## CONCLUSÕES GERAIS

Os resultados deste PNTA revelaram uma intensa ocupação do espaço amuralhado onde hoje se ergue o Castelo de Leiria (*vide* fig. 1 – III). Os vestígios de presença humana remontam ao Calcolítico, onde a população se terá estabelecido no topo do morro. Posteriormente, durante a Idade do Bronze, o local preferencial de ocupação terão sido as encostas, e as zonas mais baixas. Na Idade do Ferro, o topo do morro parece ter voltado ser habitado. Parece ter havido um hiato de ocupação deste espaço durante um largo período de tempo, nomeadamente nos núcleos A e B, uma vez que nestes, os vestígios romanos são residuais, e não foram identificados vestígios tardo antigos. A presença de cerâmicas imputáveis à ocupação islâmica reveste-se de alguma cautela, pois se alguns materiais poderão ser classificados de época Emiral/Califal, outros apenas poderão ser genericamente considerados islâmicos. Após 1135 o Castelo esteve efetivamente ocupado pelas tropas muçulmanas em dois períodos, muito próximos no tempo, até à sua reconquista por volta de 1140/1142. Os poucos vestígios islâmicos encontrados podem datar destas ocupações, pois não foram (ainda) identificadas estruturas que se possam atribuir a esta época. A presença de uma torre (que não foi possível datar), no recinto amuralhado da Torre de Menagem, e que terá sido parcialmente desmontada para a construção do torreão sul, demonstra que esta área terá sofrido profundas e importantes remodelações em época medieval. As sondagens arqueológicas revelaram grandes enrocamentos, que demonstram que os diferentes núcleos construtivos foram edificados sobre patamares artificiais, alterando e modificando de forma profunda a topografia original do terreno. A estas mutações juntam-se as obras de conservação e restauro, que modificam e alteram elementos base, dificultando uma leitura coerente do conjunto construtivo. O estudo e interpretação dos dados de escavação, relacionados com o estudo dos materiais, conjugados com os resultados dos estudos geofísicos e com os levantamentos fotogramétricos

conduzem a novas interpretações sobre a ocupação humana no morro do Castelo de Leiria, bem como à definição de novas hipóteses de investigação sobre o monumento.

## BIBLIOGRAFIA

AAVV (2001) – *Torre de menagem do Castelo de Leiria*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria.

ANÓNIMO (2011) – *Couseiro ou memórias do bispado de Leiria*. 4ª Edição ou transcrição da 2ª edição, de 1898. Leiria: Textiverso.

COELHO, Rui (2005) – Leiria num tempo de mudança: Aproximação à transição da Idade do Bronze Final para a Idade do Ferro. In CARVALHO, Susana (Ed. *Habitantes e Habitats: Pré e Proto-história na Bacia do Lis* Leiria: Câmara Municipal de Leiria, pp. 118-134.

GOMES, Saul (2004) – *Introdução à História do Castelo de Leiria*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria.

KORRODI, Ernesto (1898) – *Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria*. Leiria: Fundação Caixa de Crédito Agrícola de Leiria e Editora Imagens & Letras. Reedição.

LOPES, Gonçalo (2001) – Cerâmicas Medievais da Torre de Menagem do Castelo de Leiria. In AAVV – *Torre de menagem do Castelo de Leiria*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, pp. 31-37.

LÓPEZ JIMÉNEZ, Óscar; RUIZ BRAVO, Rubén; TIJERA CARRIÓN, Ángel (2011) – PNTA – Valorização e Requalificação do Castelo de Leiria: Trabalhos de Prospeção Geofísica aplicada à Arqueologia. Viseu: Arqueohoje, Lda. [Não publicado].

LOURENÇO, Marina (2011) – Relatório Antropológico. In INÁCIO, Isabel; CARVALHO, Vânia. PNTA – Castelo de Leiria: *Relatório Final das Sondagens Arqueológicas de Avaliação*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria e Arqueohoje, Lda.

NEVES, Maria João; BASÍLIO, Lília; COUTO, Rui (2009) – *Trabalhos Arqueológicos para a implantação de infraestruturas enterradas no edifício do MIMO/RAL4*. Relatório Preliminar. Coimbra: Dryas Arqueologia. [Não publicado].

RUIVO, José (1996) – *Relatório da intervenção arqueológica de emergência na Torre de menagem do Castelo de Leiria entre Julho e Setembro de 1996*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria. [Não publicado].

TEIXEIRA, Carlos; ZBYSZEWSKI, George (1968) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 23-C (Leiria)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

ZÚQUETE, Afonso (2003) – *Monografia de Leiria: A cidade e o Concelho – 1950*. Leiria: Folheto.

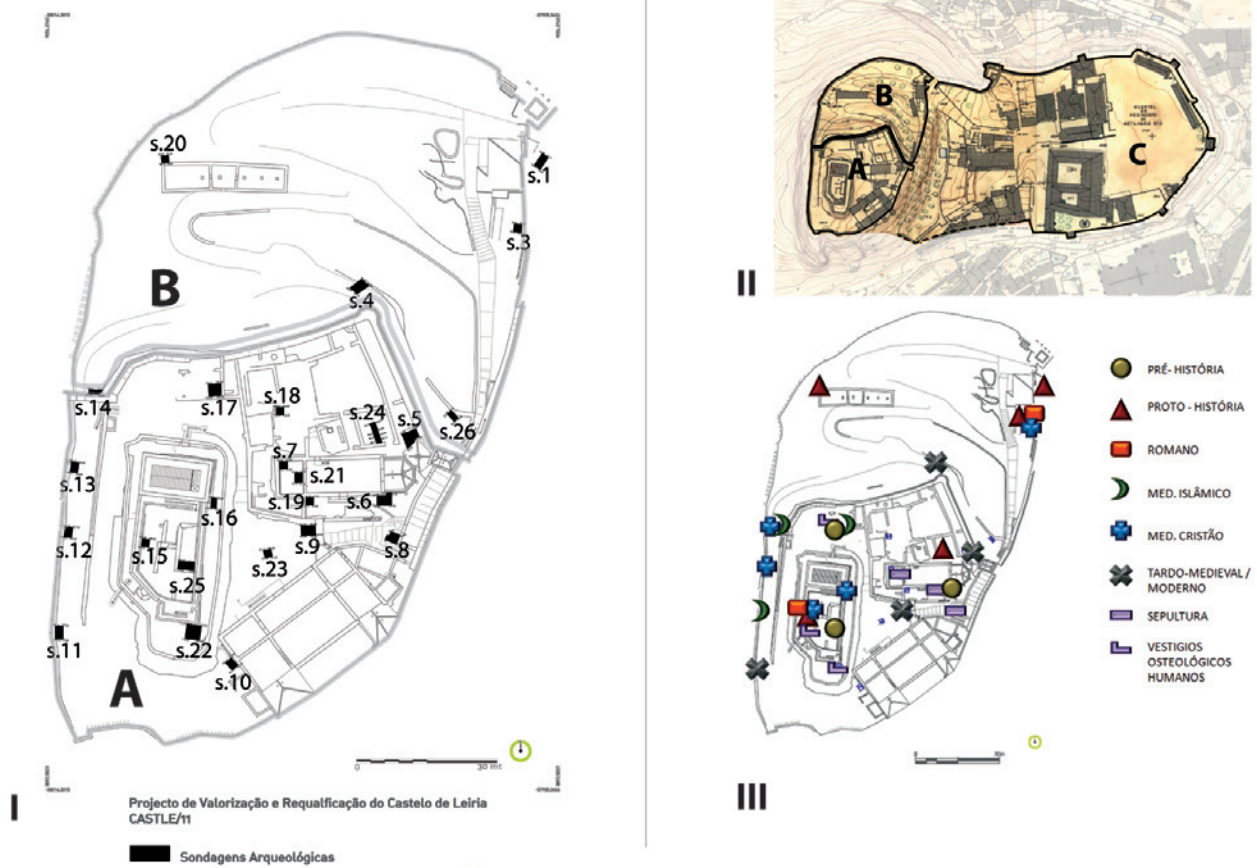


Figura 1 – I – Localização das sondagens; II – Identificação dos núcleos do Castelo; III – Dispersão de materiais por cronologia. Autor da imagem: Augusto Aveleira.



**AAP**  
 ASSOCIAÇÃO  
 DOS ARQUEÓLOGOS  
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
 bcp

**BNP**  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL  
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
 PORTUGAL

  
 Parques de Sintra  
 Monte da Lua